

IMAGENS DE MULHERES: as representações do feminino no Almanaque da Parnaíba 1930-1970

Erasmu Carlos Amorim Morais¹

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF)
erasterdam@hotmail.com

Resumo: Este artigo discute as representações do feminino construídas nas páginas do Almanaque da Parnaíba entre 1930-1970. Para isso, utilizamos várias edições do Almanaque da Parnaíba com o intuito de compreender as relações de poder presentes no periódico. O Almanaque constitui-se de um repositório útil de informações, pensamentos, curiosidades e que retrata aspectos da vida econômica, social, cultural, política e religiosa da cidade de Parnaíba. Cabe destacar que este periódico foi o principal veículo de comunicação existente na referida cidade no período que compreende o recorte temporal desta pesquisa. Acrescenta-se, ainda, que o mesmo permanece em circulação até o presente momento, mudando apenas seu proprietário, mantendo, por conseguinte, a mesma linha editorial. Diante disso, podemos afirmar que a imprensa passou a figurar como um dos principais veículos de comunicação, responsável, portanto, pela divulgação dos principais modelos idealizados de mulher para a sociedade parnaibana. Entendemos que através do periódico os papéis idealizados para a moça, a mulher, a esposa e dona de casa eram expostos nas páginas do anuário como um modelo comportamental a ser seguido. As recomendações presentes nas matérias versavam sobre os mais diversos temas que permeavam a vida cotidiana da mulher. Abordavam sobre a postura esperada de uma moça, a conduta assumida pela mulher após o casamento, orientando o desempenho de uma dona de casa com relação ao marido, ressaltando sempre o recato e o bom humor. Outro ponto bastante discutido era com relação ao papel de mãe exercido pela mulher, pois acreditava-se que a maternidade era a realização plena da mulher. Desta forma, estava cumprindo, apenas a função social, específica, de um grupo que desejava manter sob controle o comportamento das mulheres. Demarcando as relações de poder, onde se estabeleciam de maneira nítida a manutenção dos valores morais, as distinções de classe e gênero que atravessam a sociedade, ao tempo em que definiam os papéis femininos e masculinos, perpetuando desta forma o modelo ideal da classe burguesa, tendo a moral como elemento norteador da construção condição feminina. O aporte teórico que ajuda na compreensão das representações construídas sobre a mulher no espaço urbano de

¹ Pesquisa realizada sob a supervisão da Professora Rachel Soihet. Orientadora no Doutorado em História da Universidade Federal Fluminense.

Parnaíba foi formado a partir das obras de Certeau (1994), Chartier (1991), Pinsky (1995), SOIHET (2003), além de vários exemplares do Almanaque da Parnaíba.

Palavras-chave: representação. mulheres. almanaque da Parnaíba.

Abstrac: This article discusses the representations of the feminine constructed in the pages of Almanaque of Parnaíba between 1930-1970. For this, we use several editions of the Parnaíba Almanac in order to understand the power relations present in the journal. The Almanac is a useful repository of information, thoughts, curiosities and portrays aspects of the economic, social, cultural, political and religious life of the city of Parnaíba. It should be noted that this journal was the main communication vehicle in the city in the period that includes the temporal cut of this research. It is also added that it remains in circulation until the present moment, changing only its owner, maintaining, therefore, the same editorial line. Given this, we can say that the press has come to be one of the main vehicles of communication, responsible, therefore, for the dissemination of the main idealized models of women for the Parnaiban society. We understand that through the journal the roles idealized for the girl, woman, wife and housewife were exposed in the pages of the yearbook as a behavioral model to be followed. The recommendations present in the subjects covered the most diverse themes that permeated the daily life of women. They dealt with the expected position of a girl, the behavior assumed by the woman after the marriage, guiding the performance of a housewife with respect to her husband, always emphasizing modesty and good humor. Another point quite discussed was the role of the woman's mother, since it was believed that motherhood was the full realization of the woman. In this way, she was fulfilling only the specific social function of a group that wanted to keep women's behavior under control. Demarcating power relations, where the maintenance of moral values, the distinctions of class and gender that permeate society, while defining the roles of women and men, thus perpetuating the ideal model of the bourgeois class, were clearly established, taking the moral as the guiding element of the construction of the feminine condition. The theoretical contribution that helps to understand the representations built on women in the urban space of Parnaíba was formed from the works of Certeau (1994), Chartier (1991), Pinsky (1995), SOIHET (2003), besides several examples of the Almanac of Parnaíba.

key words: representation. women. almanac of Parnaíba.

Introdução

Pensar as representações construídas sobre as imagens de mulheres na sociedade parnaibana implica inseri-las no entendimento de Roger Chartier, que define representação como sendo “tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sendo sujeito que a olha” (2002, p.66). Este mesmo estudioso, ainda, acrescenta que “a circulação multiplicada do escrito impresso modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações com o poder” (1991, p.178).

A presença de um veículo de comunicação em uma sociedade provoca mudanças significativas em vários aspectos da vida coletiva. Geralmente, o impresso

pertence a um único proprietário, ou, em alguns casos mais reduzidos, estão sob o comando de um pequeno grupo. De uma forma ou de outra, o conteúdo produzido é fruto da visão de mundo que permeia o universo intelectual dos seus gestores, estando, portanto, alinhados à política editorial que fundamenta a existência do periódico.

É por meio desta política que se estrutura o espaço destinado para cada sessão que compõe o jornal, revista, pasquim, almanaque, enfim. Em vista disso, devemos ficar vigilantes, buscando entender as estratégias adotadas pelos redatores para impor formas de sociabilidade e os modelos comportamentais por eles exigidos.

Fica claro, por conseguinte, a presença de forças invisíveis direcionando os interesses da política editorial. A estas forças não materiais, atribuímos a denominação de poder. Pois, estão presentes em todos os espaços de convivência social ditando códigos comportamentais, autorizando ou negando pensamentos, acomodando os sujeitos em posturas consideradas fundamentais para manter, não só, a harmonia social, mas, sobretudo, os valores e a moral.

Não podemos esquecer que esta forma de dominação se dissemina silenciosamente no meio social, pois quando estamos diante de determinado periódico não nos preocupamos em questionar quais interesses estão por trás daquela notícia, ou que poder atuou sobre a escrita para que a mesma chegasse às mãos do leitor daquela forma? Quantas censuras sofreu? A que grupo atende? Quais interesses representa?

Geralmente, não lançamos sobre o periódico um olhar questionador, ficamos acomodados em um polo passivo, sendo tomados pela força da matéria carregada de uma escrita atraente, envolvente, convincente e que, muitas vezes, se coaduna com nossa forma de perceber e conceber o mundo, que fora moldada pelos discursos presentes nos periódicos.

Diante disso, cabe frisar que este produto impresso é um meio direto de impor representações sobre o mundo. A partir da interlocução mantida com os mais diversos tipos de periódicos acabamos por aceitar determinadas maneiras de compreender a sociedade. Na verdade, este processo de retroalimentação não deixa espaço para questionarmos os modelos instituídos, estamos tão convencidos da “verdade” imposta que acabamos por aceitá-la sem questionamentos.

É neste sentido que este trabalho se propõe a apresentar as imagens do feminino construídas em crônicas, artigos, poesias, na cidade de Parnaíba, entre 1930 a 1970. Precisamos compreender que estas imagens estruturadas acerca do feminino, em um dado momento histórico, estão inseridas numa configuração de forças e saberes, cabendo ao historiador interpretá-las, evidenciando as linhas de constituição, os nós, os alinhavos, as lutas e tramas rendilhadas que originaram falas e produziram silêncios comunicantes.

Além de apresentar o sentido socialmente construído sobre a mulher, buscamos ao mesmo tempo compreender as teias e relações de poder, nas quais estão inseridas e, que favoreceram a idealização de determinadas imagens sobre elas.

Nesta relação tensa sistematizada a partir das relações de força, onde um define o lugar, a posição e a condição do outro, assemelha-se muito com o que Michael de Certeau define como estratégia², são elas que eivadas de discursos, das mais diversas ordens, gradativamente passam a desenhar o sentido da conduta esperada para a mulher, aquela destinada ao espaço privado, refém dos afazeres domésticos, da educação dos filhos e da subserviência ao marido, o provedor do lar.

A imagem do feminino pelo olhar das representações no Almanaque da Parnaíba

As primeiras décadas, do século XX, demonstram que a presença masculina não era mais tão efetiva como antes. O espaço público já conta com a presença feminina. O lugar por elas ocupado não se resume, apenas, ao urbano, mas estende-se, sobretudo, ao campo educacional, e principalmente, a literatura.

Em muitas crônicas presentes nas mais diversas edições do Almanaque da Parnaíba, encontramos as mulheres ocupando a dianteira dos escritos, indo de encontro as afirmações de Michelle Perrot ao dizer que,

² A ideia de estratégia adota para os fins deste trabalho estão ancoradas no pensamento de Michael de Certeau que postula da seguinte maneira: “...chamo de estratégia o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se tornam possível a partir do momento em que um sujeito de querer e de poder pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde pode gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças”. Cf.: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.99.

Quanto aos observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinas, a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos. É claro que falam das mulheres, mas generalizando. ‘As mulheres são ...’, ‘A mulher é...’. A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais (CERTEAU, 1994, p.99).

É necessário destacar que, dos 47 exemplares do Almanaque da Parnaíba, publicados dentro do recorte temporal proposto para esta pesquisa 78,7% (37 edições) apresentam crônicas, poesias ou artigos sobre as mulheres. E a grande maioria do que foi publicado tem caráter, notadamente, masculino. Contudo, um número considerável dos mesmos escritos foram realizados por mulheres, denotando, assim, uma fissura na hegemonia masculina no tocante a escrita no anuário.

Desta forma, é necessário frisar que as representações presentes neste periódico, ainda são carregadas de uma escrita conservadora que enquadra a mulher no modelo normativo-patriarcalista. Todavia, nota-se que algumas poesias e crônicas, presentes no Almanaque, são assinadas por mulheres³, ou seja, não é a visão masculina que prevalece sobre a mulher, mas o olhar de si, que ocupa espaço nas páginas de um anuário e mostra um caminho sem volta: a mulher ganhando o espaço público, demarcando o início de sua incursão no urbano, lugar definido e demarcado pela presença masculina. Desta maneira, o urbano – o espaço público- passa a ter com mais frequência a presença da mulher.

A cada nova edição do Almanaque a participação feminina ganha mais espaço, não só como leitora, mas principalmente como produtora de informações destinadas ao mundo da mulher. À medida que ganham destaque na participação escrita, paralelamente constrói-se um público feminino interessado em ler o periódico. Antes, o conteúdo apresentado por seus escritores era voltado para o público masculino, restrito ao mundo do trabalho, político e questões sociais. Temas pouco convidativos e distantes das discussões que cercavam as rodas de conversas das mulheres.

³ Cabe ressaltar que essa percepção de si, ou seja, essa escrita feminina é fruto de uma educação conservadora, portanto, machista. Embora, as mulheres escrevam partindo do seu lugar social, essa posição de “independência” é atravessada pela formação educacional, social e política na qual elas foram sendo constituídas enquanto sujeitos, desta forma podemos perceber que alguns escritos reforçam o pensamento masculino, demonstrando que essa emancipação feminina não ocorreu de fato. Porém, ressalta-se que a presença delas em um periódico da envergadura do Almanaque é salutar.

Após as primeiras publicações, o anuário amplia sua cartela de leitores. Os homens não são mais os únicos a prestigiarem os mais diversos assuntos tratados no periódico. Com a inserção da mulher neste meio – impressa - novos contornos são acrescentados ao Almanaque. O espaço antes destinado ao público viril recebe uma boa dosagem do pensamento feminino.

A política, economia, ciência e similares são temas que não faziam parte do universo das mulheres. Sua saída do polo passivo desta relação, condição de leitora, proporciona a emergência de um espaço novo, abrindo caminhos para sua aparição na esfera pública. O mundo apresentado por elas, nas páginas do periódico, ficava restrito ao universo feminino, escrevem sobre assuntos variados destinados à sua vivência cotidiana.

Os temas direcionados ao público feminino trazem recomendações comportamentais que asseguram a honra, a dignidade, casamento, prostituição - tema caro para as mulheres -, o amor romântico e outros ligados a sexualidade como, por exemplo, a menstruação. Não fica de fora a manutenção dos bons costumes e a postura idealizada para a moça, a irmã, a mulher, e, também, a mãe, enquanto figura doce e angelical.

Uma passagem importante e digna de registro é com relação à referência feita à poetisa Luiza Amélia de Queiroz⁴, no editorial da 10ª edição do Almanaque da Parnaíba, publicado em 1933. Em quase seis páginas o texto traça o perfil da mulher (Luiza Amélia) e da poetisa, ao tempo em que faz menção a sua personalidade, inclinação para o mundo literário e características específicas de sua escrita.

O editorial traz como introdução a fotografia da poetisa, sua imagem mais conhecida. Exibida em tamanho acima do convencional e significativa nitidez. A matéria inicia falando da condição de Luiza enquanto mulher, ressaltando que a mesma escapa do papel tradicionalmente destinado a seu gênero – esposa, mãe e dona-de-casa,

⁴ Luiza Amélia de Queiroz é uma poetisa do Piauí nascida na cidade de Piracuruca, no ano de 1834. Seu primeiro livro foi *Flores incultas* (1875), com poesias de temáticas religiosas, românticas e sobre a realidade das mulheres do século XIX. Seus versos ganharam espaço no Almanaque de lembranças *Luso-brasileira* no período de 1889 a 1982. Conta ainda sua participação em *Diário do Maranhão* (MA), *Pacotilha* (MA), *Diário do Piauí* (PI), *Almanaque do Rio Grande do Sul* (RS), *Jornal do Comércio* (RJ), *A Notícia* (SP) e *Poliantea* (PI).

ênfatizando sua habilidade para com a escrita e sensibilidade em retratar seus sentimentos:

Ao enfrentar-me hoje com o vulto ilustre da distinta senhora, autora das *Flores Incultas*, sinto o duplo sentimento de respeito pela virtude da mulher e de admiração pelo talento da poetisa. É raro entre nós ver-se um nome feminino subscrevendo um livro qualquer. A mulher piauiense ainda anda entregue ao fetichismo romano, segregada do movimento augusto que impelle todas as inteligências em busca da sciencia e da liberdade. A primeira piauiense que desviou-se da vulgaridade do sexo, exibindo um suculento atestado da sua proeminência intelectual, foi a ilustre senhora, que motiva estas linhas despreziosas e sinceras. Antes, porém, de tratar da autora, devia dar aos leitores pequena syntese biographica da mulher, para que uma e outra ficassem conhecidas e melhora apreciadas. Mas o que hei de dizer de uma senhora cuja vida serena deslisou-se no suave aconchego do lar, sempre feliz e descuidosa, apenas empanada pela tênue nuvem de uma saudade, velada pelo cedal da dôr que a morte ou separação de entes queridos occasionam? Dona Luiza Amelia nasceu em Piracuruca, casou-se em primeiras e segundas núpcias, gosando nessas phases de sua doce existência dessa tranquilidade d'alma que é, porventura a maior das felicidades (ALMANAQUE DA PARNAIBA, 1933, pp.20-21).

O excerto acima deixa evidente, nas primeiras linhas, que o autor faz uma distinção pontual entre as duas imagens de mulher que ele reconhece em D. Luiza Amélia. Inicialmente, faz menção a figura dela enquanto senhora – “entendida, aqui, como virtude de mulher”, ou seja, reconhece a tradicional condição de esposa. Em seguida, expressa sua admiração pelo “talento da poetisa”. São papéis distintos que não se confundem. É a visão masculina nos anos iniciais da década de 30 do século passado.

O mesmo autor evidencia a reduzida presença de escritoras no campo da literatura piauiense ao associar que o interesse da mulher pelo “fetichismo romano” à distância da ciência e da liberdade. Destaca a habilidade da homenageada ressaltando que a mesma não se deixou dominar pela vulgaridade do sexo, sendo, portanto, reconhecida por um novo papel social – o de escritora.

A função de dona-de-casa, a mais adequada para o momento histórico que cerca o narrador não aparece como condição relevante, embora deixe visível que D. Luiza desempenhava com facilidade as duas funções.

Cada temporalidade guarda um modelo familiar, isto implica no modo como as mulheres devem se comportar. Geralmente, às mulheres eram associadas a características como doçura, fragilidade, meiguice, recato, instinto maternal, sejam

ligadas as questões físicas ou as psicológicas. Sobre elas existia todo um protocolo comportamental que deveria ser obedecido, rigorosamente.

O espaço doméstico, ou seja, da porta da rua para dentro, as lições e o modelo de menina, moça e mulher eram repassadas pela mãe, sempre sob a supervisão atenta do pai. À mãe cabiam inúmeras funções, tais como: cuidar da casa, zelar pela roupa do marido, ser obediente, cuidar do orçamento familiar, sobretudo educar os filhos, e principalmente, as meninas. Era de inteira responsabilidade da dona de casa repassar os códigos comportamentais, exigidos pela sociedade, para a filha.

A maneira de se portar no espaço público dependia da lição feita em casa e a mãe era, em grande medida, a responsável pelo sucesso ou fracasso. O espaço doméstico era o lugar onde todas as regras comportamentais eram estabelecidas e repassadas pela força da tradição ou prescritas nos meios de comunicação disponíveis no momento, jornais ou revistas especializadas.

Apropriadas pelos pais e recomendadas aos filhos, ressalta-se que ao lado da imprensa estava o discurso biológico e o jurídico, reforçando e legitimando as matérias presentes nos periódicos. Segundo Rachel Soihet,

A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjuga à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios (SOIHET, 2009, p.363).

O discurso médico ganhava mais força quando os periódicos deixavam explícitas as recomendações sobre os modos esperados da figura feminina, comumente associados às suas características físicas.

Os periódicos traziam algumas sessões voltadas para o campo comportamental ligado à imagem esperada da jovem, da moça, da esposa. As revistas voltadas para o público feminino ganharam força à medida que a imprensa se alargara e as publicações dos jornais no país deixaram de ficar restritas, apenas, ao espaço do político e econômico.

Essa renovação pela qual passou a mídia impressa acompanhou os avanços da modernidade, buscando um novo público leitor, visando não somente o lucro, mas

principalmente, enquadrar a sociedade dentro de parâmetros sociais presentes nos editoriais dos jornais e Almanques que circulavam nos meios sociais, fossem eles de grande ou pequeno porte.

É oportuno ressaltar que não se deu de forma pacífica a criação e manutenção desses modelos instituídos sobre o comportamento esperado para as mulheres, a aceitação não se deu de modo tranquilo entre elas e os homens e entre elas mesmas, embora prevalecesse o ideal masculino-burguês nessa relação de poder.

É importante o entendimento de que prevaleciam as estratégias de dominação masculina, em boa parte da esfera pública, reduzindo a mulher ao âmbito do privado. Contudo, elas usavam meios de resistência, muitas vezes recorrendo até mesmo ao confronto direto. Partindo pra luta, no espaço público, através das entidades representativas, ou então por meio de táticas silenciosas, conquistando lugar nos meios de comunicação, onde passaram a escrever para um público específico: as próprias mulheres.

Mesmo entre elas as tensões eram sentidas e os embates aconteciam. De um lado, aquelas que estavam presas ao ideal da mulher recatada e do lar e do outro, as que visualizavam uma atuação para além das fronteiras domésticas, compreendendo que a mulher também poderia exercer atividades intelectuais tão bem quanto os homens, ou mesmo que a mulher poderia se inserir na modernidade sem maiores prejuízos.

Prosseguindo em nossas análises, segundo o poema intitulado *Mulher moderna* (ALMANAQUE DA PARANÍBA, 1930, p. 104), a mulher que se deseja enquanto tal deve saber cruzar as pernas e freqüentar o cinema, já que “todos sports adópta, anda de calças e bota e pratica equitação”. Nesse ponto, o autor acaba sinalizando os novos costumes e comportamentos provenientes da moda, uma vez que aponta o fato da mulher, inserida na modernidade, já praticar esportes e usar uma peça do vestuário masculino: as calças.

Além disso, assinala que a mulher já possui o acesso a prática de equitação, uma atividade que pode ser considerada lazer das classes mais abastadas. No entanto, as linhas finais se dedicam a passar outra mensagem: a de que as mulheres modernas, podendo ser “mioleiras”, acabam por dar “rasteiras” nos homens. Podemos depreender dessa adjetivação que as mulheres, embora alcançando novos lugares na sociedade que

se quer nova e moderna, permanece tola e fútil, sempre dando “rasteiras” por conta de seus instintos frívolos.

Um universo onde era comum a presença das mulheres e que também recaíam algumas censuras eram aos concursos de beleza. Nestes eventos que, aos poucos, ganhavam espaço na sociedade e era destinado, especificamente, ao público feminino, começou a criar normas próprias e padrões de beleza que não agradava algumas mulheres.

Tal universo acaba sofrendo críticas em tom ácido, pois "em muitas piadas as mulheres são fúteis, escravas da moda, extrema e ridiculamente vaidosas (especialmente com relação à idade) e possuem uma lógica tortuosa ('o eterno feminino') que algumas vezes beira a estupidez" (PINSK, 1995, p.248).

Os concursos de beleza na cidade de Parnaíba costumavam acontecer no Cassino 24 de Janeiro, um dos espaços de sociabilidade mais frequentados pela elite parnaibana. Possuindo sempre lugar nas poesias do anuário, as “*misses*” eram constantemente exaltadas por suas belezas, elegância e classe.

Alarico da Cunha, em seus versos, associa a cor dos olhos da *miss Piauí* (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1930, p 86) à “cor do céu, cor do mar e a cor da luz”, residindo em seus lábios, a cor da rosa, sendo ela possuidora da beleza “sublime da mulher”. Escolhidas pela beleza do cabelo, olhos e andar, as mocinhas que competiam desfilavam elegantemente com seus melhores vestidos, sorrisos deslumbrantes e impecáveis no meio dos salões.

Outro texto que é muito interessante de ser analisado é “*Uma surpresa desagradável para as mulheres*”(ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1930, p. 47), que fala a respeito de uma descoberta da medicina sobre o uso desenfreado do pó arroz, pó branco, rouse ou tango. Pelo uso excessivo ao redor do nariz, esse cosmético acaba por desencadear uma doença chamada *Rhiniti sicca posterior*.

Para o autor, a medicina se mostra uma inimiga das mulheres, essas que conseguem suportar de forma heróica os suplícios de ter de usar um “sapatinho Luiz XV”. E por fim, declara que uma mulher sem o seu pó de arroz, “é uma mulher desarmada”, afinal de contas, o produto lhe apraz e serve como um escudo, uma armadura que a equipa para os “singulares torneios da graça e do espírito”.

Apesar disso, as propagandas de pomadas, remédios, colírios e produtos para a pele sempre se mostram presentes, como é o caso de produtos como “Antisardina” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1944, p. 246), onde a anunciante questiona: “a senhorita ainda está lembrada de que Antisardina pode tirar todas as manchas do seu rosto?”.

Os discursos direcionados constantemente às mulheres as fazem questionar não somente sua própria condição, mas a dos homens, pela percepção de que a sociedade espera coisas um tanto quanto diferente de um e de outro. Esse é o caso de “*Mistérios da vida*”(ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1936, p.11), que revela algumas dúvidas que alimentam a curiosidade feminina:

Porque é que os homens são tão eloqüentes para expressar sentimentos que não sentem, ou sentem muito pouco, e tão calados quando se trata de expressar o que verdadeiramente sentem? Porque é que os homens têm vergonha de mostrar as suas emoções, ainda mesmo que a causa d’estas seja muito própria? Aqui temos alguns dos grandes mistérios da vida, cuja solução seria bem recebida por todas as mulheres.

Outras perguntas aparecem no que a autora chama de “mistérios” da vida, que se expressa mesmo pelas dúvidas que permeiam os recônditos femininos, como o fato apontado de que os homens preferem as loiras, muito embora tenham o costume de casarem com as morenas. E a solteirice feminina? Se o matrimônio pode ser considerado um fracasso, por que então “nenhuma rapariga quer ficar para ‘vestir santos’”?

E por que será que grande maioria dos homens prefere o deleite proveniente dos braços de uma prostituta ao de sua esposa bela e dedicada, adorando estar “na ‘lista’ de uma rapariga muito popular em vez de no coração ou pensamento de uma rapariga humilde”?

A diferença nas representações de mulheres fica muito evidente a partir do vocabulário utilizado para defini-las. A moça leviana, por exemplo, se deixa levar pelos rapazes, encontrando na moda uma desculpa para comportamentos mais soltos e descontraídos. É expressa, como nos versos abaixo, como uma jovem que por recomendação de sua modista, usa um chapéu de pluma na sua cabecinha de vento, e ademais, para seu expectador: “teus vestidos eu não mui decentes, minha prima: são

altos demais em baixo, são baixos demais em cima” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1936, p. 236).

Quanto à mulher casada, muitos defeitos parecem recair sobre a mesma, apesar do esperado e compartilhado nos manuais domésticos fossem indicativos da dedicação e até mesmo da extrema serventia da mulher enquanto dona de casa. Tais atributos negativos seriam o incomodo de seu marido com frivolidades, fofocas e brigas desnecessárias que possivelmente tirem o foco do marido trabalhador. Em tom anedótico, vê-se o seguinte exemplo disso:

NO LAR

- Eu hoje reconheço que fiz mal em escolher uma mulher que não sabia tocar piano.
- Mas você não gosta de música..
- Sim, mas podia ao menos variar de aborrecimento.

*

* *

- Jacinta, você já pôs a língua de molho pela manhã?
- Já, sim, senhora.
- É pra amaciar? Perguntou o marido.
- É, respondeu a mulher.
- Então, filhinha, por que é que você não fazes o mesmo com a tua de vez em quando? (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1937, p. 196)

A preservação do “lar feliz” tem muito a ver com os cuidados realizados pelas esposas na manutenção de suas casas a partir da organização dos afazeres, do cuidado com a higiene dos filhos, também ao manter seu marido com roupa alinhada e alimentação balanceada, variando sempre nos pratos dispostos a mesa, mas não se esquecendo de fazer sempre o preferido de seu esposo. Importante se faz também, não tagarelar demais, pois depois de um dia exaustivo de trabalho, seu companheiro se encontra fatigado.

Nem sempre a representação será vista enquanto uma imagem direta, se manifestando nos discursos de como deveria ser ou não, alguma coisa. Assim, muitos conselhos são dirigidos às mulheres, afinal, manter sua honra e dignidade deveria passar por uma apurada observação da sociedade, trazendo à tona a idéia de uma boa esposa.

Em “*Conselhos*” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940, p. 103), algumas dicas, e

talvez as principais, encenam o papel que a mulher deve abraçar, acatando e devolvendo para seu marido, a sensatez e prontidão em atendê-lo sempre que necessário. Portanto, a esposa deve evitar a primeira discussão, porque com essa virão as demais. Deve também lembrar que “não há homem perfeito, e se o escolheste, perdoa os pequenos senões, evitando cenas deselegantes quando perceberes suas imperfeições humanas”.

Além disso, a esposa deve saber pedir dinheiro ao seu marido com a menor frequência possível, tendo que se contentar com o que recebe deste para as despesas mais triviais. A boa esposa, segundo tal visão, deve ainda, seguir os seguintes passos:

- Quando discutires com teu marido, deixa-o vencer algumas vezes, mesmo que esteja certa de que ele não está com a razão.
 - Procura cultivar o teu espírito, para que ele aprecie sempre a tua companhia, e a conversa entre ambos nunca decaia ou se torne monótona.
 - Cuida da tua toilette, todas as horas do dia, para que ele nunca a te encontre desmazelada ou em desalinho.
 - Tenha sempre uma palavra amável e atenciosa para ele, especialmente quando ele estiver preocupado com negócios.
- Mas seja oportuna e não imprudente.

Assim, sendo oportuna e nunca imprudente, a mulher casada se afasta do estereótipo negativo que outras mulheres recebem, como “megera”, por exemplo. Percebidas e desenhadas pelo prisma masculino, a mulher, além de ser colocada em uma arena de batalha, onde sua face bondosa enfrenta sempre a maliciosa, parece estar sempre destituída de si mesma, dando vida a uma entidade abstrata, mística e perigosa.

Perrot, na obra *Os excluídos da História*, ambienta seu trabalho na França do século XIX, e traz as figuras silenciadas da mulher dona de casa e da mulher popular rebelde para o palco da história, mas antes, ela aborda as representações do feminino, discursos proferidos pelo universo masculino. Embora um pouco distante no tempo e espaço e guardadas as proporções, sua análise nos serve no sentido de compreendermos que a mulher continua, no século XX, recorte deste trabalho, sendo representada enquanto a *santa*, capaz de espalhar os mais singelos sentimentos, e também como a *Eva*, o próprio mal.

As páginas amareladas e velhas de jornais e do Almanaque da Parnaíba não deixaram de acompanhar e reproduzir tal pensamento. O texto a seguir nos remete a

idéia apontada por Perrot, que a *mulher* é detentora de *poderes*, sobremaneira derramados em suas relações com o outro:

A MULHER, que foi a perdição para o pai Adão, para Sansão a morte e para Salomão uma vingança, é para o médico um laboratório, para o juiz uma ré, para o pintor um modelo, para o poeta uma inspiração, para o militar uma camarada, para o padre uma tentação, para o doente uma enfermeira, para o são uma enfermidade, para o republicano uma cidadã, para o romântico um huri, para o versátil um brinquedo, para o bandido uma vítima, para o gastrônomo uma cozinheira, para o menino um consolo, para a namorada um desejo, para o noivo uma esperança, para o marido uma carga, para o viúvo um descanso, para o velho um desengano, para o rico uma ameaça, para o pobre um flagelo, para o jovem um pesadelo, para o homem um estorvo, para o diabo um agente, para o mundo uma força, e para o tipógrafo uma página... (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940, p.119)

Apesar de tal ordenação de papeis, é válido lembrar que mesmo persistindo essas falas endereçadas à mulher, esta, quebrando com as representações que lhes são impostas, passa a usar, assim como os homens, a imprensa enquanto um veículo que permite expressar não só a importância da mulher para a sociedade, mas seus direitos de cidadã, que equivalem aos dos homens.

É o que vemos acontecer na crônica de Alda Cunha, mulher que provoca fissuras na estrutura masculina dominante ao escrever “*Os direitos da mulher*” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940, p 283), explicando que ao ler uma crônica que degradava a imagem da mulher, resolveu rebater com a escrita desse texto. Logo depois de se justificar, a autora fala que nenhum ser tem sido tão humilhado e rebaixado, como a mulher. Tomam-na enquanto ser do sexo frágil, atribuindo-lhe posição de inferioridade quanto ao homem, uma vez que vista como um ser “fraco, inferior, incapaz”, o que nada mais é do que uma condição advinda “da educação, da escravidão e dos preconceitos a que submetem a mulher”.

Ao defender o feminismo e sua importância na emancipação feminina, a autora afirma que “cultivando o espírito, burilando a inteligência pelo estudo e pelas boas leituras, nivelando-se ao homem nos domínios da Instrução e do Conhecimento, a mulher não se masculiniza e nem perde os característicos de seu sexo”. Dessa maneira, Alda Cunha faz verdadeiro elogio a inteligência enquanto um dom humano, e que,

portanto, não escapa à mulher, nem ao homem. Entendendo que a dimensão intelectual está atrelada ao estudo, ela levanta o questionamento:

se a mulher estudiosa, culta e amante do saber demonstra aptidão e capacidade para trabalhos mais elevados que os de lavar, engomar, cozinhar, costurar, concorrendo com os homens nos escritórios e nos bons empregos, por que lhe tolher a sua natural liberdade de agir e de empregar nobremente a sua inteligência e a sua atividade?

A autora questiona a validade dos discursos que dispõe a mulher enquanto um peão que anda de acordo com os pressupostos de outrem. Afirma com veemência que grandes surtos de progresso se darão no dia em que o essencial papel da mulher e o trabalho que desenvolve sejam reconhecidos.

Portanto, de modo conclusivo, podemos afirmar que as mulheres, dentro do espaço que lhes cabia, foram arranhando as estruturas de dominação, escrevendo seus corpos no universo público e tornando válido o entendimento que as representações e discursos estão sempre em um campo de tensões, entre o lado dominante e o dominado, que entram em conflito, de um lado, quando da imposição de uma imagem, e de outro, quando da quebra e da resignificação de estereótipos.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Revista das revistas. Estudos Avançados, 1991.

_____, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002

PINSK, Carla Bassanezi & URSINI, Leslye Bombonato. O Cruzeiro e as garotas. cadernos pagu (4) 1995.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência urbana. In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das Mulheres no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

PERIÓDICOS

ALMANAQUE DA PARANÍBA, 1930.

ALMANAQUE DA PARNAIBA, 1933.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1936.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1937.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1940.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1944.